

MESA REDONDA LITERATURA E PAISAGEM: CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA CULTURAL, MUNDO VIVIDO À MARGEM, LUSOFONIA REVISITADA

PAISAGEM ENTRE LITERATURA E FILOSOFIA

Maria Luiza Berwanger da Silva

UFRGS

Um diálogo singular pode ser estabelecido entre a obra *Pensée-Paysage* (Paris: Actes Sud, 2011), do crítico literário Michel Collot, e a obra *Vivre de Paysage ou l'impensée de la Raison* (Paris: Gallimard, 2014), do filósofo François Jullien, demarcando certa cartografia da Paisagem nas relações da “Literatura com o mundo vivido à margem”. Nesse sentido, enquanto Michel Collot articula essas relações do literário com o espaço circundante, com base na complementaridade entre “representação”, como figura do lugar geográfico, e “presença”, como eixo dinamizador de práticas transgressivas de natureza territorial, disciplinar e subjetivas, para François Jullien, em “vivre de paysage”, a eficácia dessas relações é processada pela transformação do “perceptivo” em “afetivo”, compreendendo-se “afetivo” como captação que “afeta” o sujeito de modo inesperado. Nota-se que, se, de um lado, a experiência paisagística, nos dois teóricos, converge, aproximando-os pelo efeito do inusitado, que decifra traços enigmáticos e, aparentemente, insondáveis da paisagem, de outro lado, divergem, distanciando-os, no tocante aos modos e formas diversas na composição do arquivo de vivências pela atividade do sujeito. Embora as duas reflexões surpreendam pelo aflorar do novo e do inimaginável, a previsibilidade irrestrita em Collot contrapõe-se à imprevisibilidade perceptiva em François Jullien. Com base no exposto, o presente estudo buscará efetuar a leitura simbólica de poesias brasileiras contemporâneas, nelas evidenciando a eficácia desse percurso tecido a duas vozes, articulado pela Paisagem, para a configuração da Literatura como fato artístico, estético e cultural, que traduz desdobramentos literários como “transposição do mundo vivido à margem”.